



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

MAYRA GENUINO DOS SANTOS SILVA

**DE MARGARIDA A MARIELLE: MULHERES, ANCESTRALIDADE E
RESISTÊNCIA EM ALAGOA GRANDE-PB**

**GUARABIRA – PB
2024**

MAYRA GENUINO DOS SANTOS SILVA

**DE MARGARIDA A MARIELLE: MULHERES, ANCESTRALIDADE E
RESISTÊNCIA EM ALAGOA GRANDE-PB**

Trabalho de conclusão de curso (Artigo) apresentada à Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduada em Licenciatura Plena em História.

Área de concentração: História e estudos culturais – etnia, crença, gênero e sensibilidade.

Orientadora: Profa. Dra. Susel Oliveira da Rosa

**GUARABIRA – PB
2024**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586m Silva, Mayra Genuino dos Santos.
De Margarida a Marielle [manuscrito] : mulheres,
ancestralidade e resistência em Alagoa Grande-PB / Mayra
Genuino dos Santos Silva. - 2024.
30 f. : il. color.

Digitado.

Artigo Científico (Graduação em História) - Universidade
Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação : Prof. Dra. Susel Oliveira da Rosa,
Departamento de História - CH".

1. Mulheres. 2. Margarida Maria Alves. 3. Marielle Franco.
4. Resistência. I. Título

21. ed. CDD 305.42

MAYRA GENUINO DOS SANTOS SILVA

DE MARGARIDA A MARIELLE: MULHERES, ANCESTRALIDADE E RESISTÊNCIA
EM ALAGOA GRANDE-PB

Trabalho de conclusão de curso (Artigo)
apresentada à Coordenação do Curso de
História da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito à obtenção do título de graduada
em Licenciatura Plena em História.

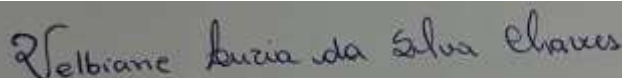
Área de concentração: História e estudos
culturais – etnia, crença, gênero e sensibilidade.

Aprovada em: 22/11/2024.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Susel Oliveira da Rosa (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Ma. Velbiane Luzia da Silva Chaves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Ma. Fernanda de Araújo Oliveira
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

À minha mãe, por toda dedicação incalculável,
DEDICO.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Margarida Maria Alves.....	13
Figura 2 –	Museu de Margarida Maria Alves	17
Figura 3 –	Pertences de Margarida Maria Alves	17
Figura 4 –	Marinete da Silva na casa de Margarida Maria Alves	24

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALERJ	Assembleia Legislativa do Rio De Janeiro
CENTRU	Centro de Educação do Trabalhador Rural
CPT	Comissão Pastoral da Terra
LGBTQIAP+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans, Queer, Interssexuais, Assexuais e Pansexuais
MMB	Movimento de Mulheres no Brejo
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
PUC-RJ	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
SESP	Serviço Especial de Saúde Pública
SPRAG	Sindicato dos Produtores Rurais de Alagoa Grande
UFF	Universidade Federal Fluminense

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	ENCONTRANDO-ME COM MARGARIDA	11
3	MARGARIELLE: ESCUTA, MEMÓRIA E ANCESTRALIDADE	18
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
	REFERÊNCIAS	25
	ANEXO A – TERMO DE CESSÃO	28



1

¹ Imagem feita pelo artista Railson Bezerra de Araújo (*Instagram*: @ilustrilson) a pedido da autora.

**DE MARGARIDA A MARIELLE: MULHERES, ANCESTRALIDADE E
RESISTÊNCIA EM ALAGOA GRANDE-PB**

**FROM MARGARIDA TO MARIELLE: WOMEN, ANCESTRY AND RESISTANCE
IN ALAGOA GRANDE-PB**

Mayra Genuino dos Santos Silva²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo evidenciar o meu encontro com duas mulheres negras: Margarida Maria Alves e Marielle Franco. Mediante uma análise minuciosa, sou guiada pelas memórias dessas valentes defensoras dos direitos humanos, as quais ainda nos inspiram na luta por uma sociedade mais justa e igualitária. Em particular, a discussão do presente estudo é fomentada a partir da perspectiva do protagonismo feminino no tecido social que precisa ser cultivado, conforme abordado por Grada Kilomba (2019), Susel da Rosa (2024), Conceição Evaristo (2007), Dayane Sobreira (2022), entre outros nomes. Essa análise revela que, apesar da histórica invisibilidade de mulheres negras neste país, é essencial ecoar as vozes e as trajetórias dessas corajosas mulheres que desafiaram sistemas e figuras influentes da política regional, mesmo que o preço dessa resistência tenha sido as suas próprias vidas. Contudo, isso nos incita a enxergar que as mulheres negras devem continuar a ocupar espaços decisórios, pois nem as balas ou as armas foram capazes de fazer cessar a luta delas.

Palavras-Chave: Mulheres; Margarida Maria Alves; Marielle Franco; Resistência.

ABSTRACT

This article aims to highlight my encounter with two black women: Margarida Maria Alves and Marielle Franco. Through a thorough analysis, I am guided by the memories of these brave human rights defenders, who still inspire us in the fight for a more just and egalitarian society. In particular, the discussion of the present study is encouraged from the perspective of female protagonism in the social fabric that needs to be cultivated, as addressed by Grada Kilomba (2019), Susel da Rosa (2024), Conceição Evaristo (2007), Dayane Sobreira (2022), among other names. This analysis reveals that, despite the historical invisibility of black women in this country, it is essential to echo the voices and trajectories of these hot women who challenged systems and influential figures in regional politics, even if the price of this resistance was their own lives. However, this encourages us to see that black women must continue to occupy decisive spaces, as neither bullets nor guns have been able to stop the fight against them.

Keywords: Women; Margarida Maria Alves; Marielle Franco; Resistance.

² Graduanda do curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: mayragenuino93@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A luta pelos direitos sociais é de extrema importância para movimentações coletivas em busca de um bem maior que atenda às necessidades dos implicadores das questões precisas. Diante disso, a figura feminina como liderança revolucionou o sistema patriarcal e impôs uma mudança dos fatores que estavam tomando como representantes. Entre essas figuras, cabe destacar dois nomes ainda atuais, que são: Margarida Maria Alves (1933-1983) e Marielle Franco (1979-2018) — duas mulheres negras, de classe social baixa e influentes politicamente. Elas, através das movimentações públicas e do fortalecimento da informação, buscaram fornecer ao povo de seu contexto a garantia de seus direitos e os representar frente a grandes forças sociais. Ademais, as histórias tinham um desfecho parecido, “Margarielle”, que é tornado diante da fusão nominal de duas peças que marcaram o rumo da política brasileira, desde o cenário local até o nacional.

Margarida Maria Alves foi uma das primeiras sindicalistas a exercer essa função no Brasil, defensora dos direitos humanos, trabalhistas e rurais, vivendo sob o cenário da Ditadura Militar; já Marielle Franco, socióloga, ativista e política, sob um contexto mais atual — ambas assassinadas e marcadas por lutas de pautas na resistência que se refletem até os dias atuais. Essas figuras incorporam vários elementos que convergem, trazendo uma quantidade numerosa de elementos de significação e de simbologia diante de suas existências abarcadas pelos seus reflexos na sociedade. Vale ressaltar a ligação que as une: Marielle Franco é filha de uma paraibana nascida na cidade de Alagoa Grande, na Paraíba. Ou seja, coincidentemente a terra de Margarida Maria Alves. Além disso, a presença de figuras políticas que estão ligadas aos respectivos assassinos e/ou mandantes do crime delas.

Os corpos femininos, nas sociedades euro-cristãs ocidentais, foram marcados pelas algemas do patriarcado, pela mordida da discriminação de gênero, sufocados pelo machismo e segregados pelas limitações dos espaços restritos aos homens. Conforme Grada Kilomba (2019, n.p.) descreveu na contracapa do seu livro, “o colonialismo é uma ferida que nunca foi tratada, uma ferida que dói sempre, por vezes infecta, e outras vezes sangra”. Sendo assim, as mulheres negras, na sociedade colonialista brasileira, foram silenciadas e discriminadas especialmente por serem mulheres negras. Em vista disso, quando duas figuras, entre diversas na História do Brasil, denunciaram a violência e a exploração praticada contra sua comunidade, a qual engloba mulheres, negros (as), trabalhadores (as) rurais e a comunidade LGBTQIAP+³, foram assassinadas brutalmente como forma de calar suas vozes e suas lutas.

Conquanto as suas vozes ecoam gerações, as suas lutas foram apropriadas por outros brasileiros e brasileiras, o que era só uma voz se tornou um coro de uma multidão que leva em suas lutas o legado de Margarida Maria Alves e de Marielle Franco. Diversas Margaridas e Marielles levantaram-se para lutar pelos seus direitos e pelo seu lugar de fala, combatendo, assim, um Estado misógino, patriarcal e racista, “A Marcha das Margaridas”⁴ e “As Sementes de Marielle”⁵ são algumas das várias heranças deixadas por essas mulheres negras.

³ Atualmente, a sigla mais usada para contemplar orientações sexuais e diversidade de gênero é a LGBTQIAP+, que abarca oito variações, além do sinal de mais, que indica outros grupos: lésbicas, gays, bissexuais, trans, queer, intersexuais, assexuais e pansexuais). Disponível em: <https://valor.globo.com/google/amp/brasil/esg/noticia/2023/05/17/o-que-significa-cada-letra-da-sigla-lgbtqiap.ghml>. Acesso em: 08 nov. 2024.

⁴ A *Marcha das Margaridas* é uma ampla ação de mulheres rurais que aglutinam uma diversidade de experiências de resistência nos territórios: do campo, das águas, das florestas. Mulheres com diferentes rostos, mas com motivações próximas, mulheres atravessadas pelas opressões de gênero, classe, região, geração, raça (Sobreira, 2022).

⁵ As sementes de Marielle visam a potencialização no apoio de mulheres negras e faveladas que tem como finalidade a entrada nos espaços de políticas.

Nesse sentido, não seremos interrompidas, a representatividade soa com grandiosidade a combater as desigualdades escancaradas nessa sociedade. De acordo com Grada Kilomba (2019), é essencial que escrevamos as nossas histórias como protagonistas, sem negar o nosso passado, mas também sem permitir que qualquer forma de dominação ou de silenciamento colonial prevaleça, uma vez que escrever é, por si só, um ato político e de resistência, visto que “as palavras impressas não podem ser apagadas e nem silenciadas (Kilomba, 2019, p. 204)”.

Para essa pesquisadora, mostrar esse encontro de Margarida Maria Alves com Marielle Franco é aplicar na prática o conceito de “escrevivências”, da Conceição Evaristo. Essa expressão se configura como a investida por vivências e por escritos de mulheres negras que contribuíram para a construção da própria história brasileira, em que também me coloco como participante, para que as mulheres negras ocupem esses espaços nas lutas contra o racismo, o sexismo e a exclusão social. Por outro lado, Walter Benjamin (1996) dizia que a experiência percorria para o seu fundamento, e é pensando nisso que devemos investir para estabelecer um lugar de escuta, contribuindo, assim, para o fortalecimento das experiências.

Para embasar a presente pesquisa, recorremos a diversos referenciais teóricos, como os estudos de Márcia Mendes (2013), que abordam as questões iniciais relacionadas à Educação Patrimonial, com base nas minhas experiências; Conceição Evaristo (2007), que discute a relevância da inclusão dos escritos de mulheres negras como forma de resistência; Denise Maurano (2016), que propõe uma reflexão acerca do processo da memória; Ana Ferreira (2010, 2017), que apresenta uma extensa análise sobre a trajetória política de Margarida Maria Alves; Susel da Rosa (2024), a qual nos instiga a pensar em torno da terminologia resistência; e Dayane Sobreira (2022), que investiga as experiências das lutas vivenciadas pelas Margaridas, entre outros nomes.

No que concerne à metodologia, a proposta é utilizar a ideia de cartografia de Gilles Deleuze (1997) como sendo uma valiosa tessitura para esse trabalho de análise. Ao transitar de um mapa a outro, o foco não se trata de buscar uma origem, mas de avaliar os deslocamentos: “cada mapa é uma redistribuição de impasses e aberturas, de limiares e clausuras” [que] “podem servir de indicadores de novos universos de referência” (Deleuze, 1997, p.75). Nesse viés, cartografar é trabalhar com mapas de intensidade e de densidade, com mapas de trajetos e de afetos, inseparáveis dos devires que remetem uns aos outros, funcionando como estratégia para perceber onde e quando os caminhos epistêmicos propostos pelas autoras e autores que serão estudadas se aproximam e se distanciam.

Quanto à pesquisa em questão, foi feito um levantamento bibliográfico para selecionar referências que estivessem alinhadas ao tema desse trabalho acadêmico. Essa pesquisa envolveu a coleta de dados de livros, de sites, de artigos científicos, de teses de doutorado, de dissertações de mestrado, entre outros materiais. Ademais, inclui visitas ao museu de Margarida Maria Alves, buscando fortalecer a relação da pesquisadora com os registros dela. Deve-se ressaltar, ainda, que foi feita uma entrevista⁶ semiestruturada, a qual possibilitou embasar os questionamentos da temática em questão. Essa entrevista foi realizada para desenvolver o último tópico, com a entrevistada Marinete da Silva, mãe de Marielle Franco, aplicando o conceito de escuta de Ecléa Bosi (1994, 2003), visando coletar relatos dela sobre a filha.

Dessa forma, esse trabalho é organizado em tópicos. O próximo tópico tratará de aspectos da minha vida que estabelecem uma conexão com a história das mulheres que trago, além de contextualizar como se deu meu primeiro contato com a história de Margarida Maria Alves. Em seguida, o terceiro tópico discutirá como surgiu a terminologia “Margarielle”, bem

⁶ A entrevista em questão foi realizada por meio de gravação de voz e de forma virtual, via *WhatsApp*. Ela está disponível no formato *podcast*, com duração de 14 minutos e 35 segundos em tal versão. Para ter acesso, visite o endereço eletrônico <https://open.spotify.com/episode/>. Vale ressaltar que, na hora da transcrição, adequamos as falas à norma-padrão da Língua Portuguesa, visando a compreensão de leitores situados em diferentes contextos. Contudo, o sentido do que foi dito não sofreu alterações.

como sua relação com a linhagem ancestral com Marielle Franco. Por fim, serão apresentadas as considerações finais e as respectivas referências utilizadas ao longo do texto.

2 ENCONTRANDO-ME COM MARGARIDA

Os olhos marejados d'água trazem de volta lembranças que despertam um lindo sorriso, no entanto, sinto um aperto no peito ao respirar. Seria curioso afirmar que neste exato momento estou imersa no universo da minha infância, não por desconhecer o que desejo reviver, mas sim por ter memórias de criança ainda tão vívidas em minha mente que, talvez, o passado ainda bata à minha porta. Contudo, ao me olhar no espelho, percebo que os traços daquela mesma menina não são mais os mesmos. Ela cresceu entendendo que sua alma é livre, encontrando morada onde seu sorriso decide repousar. No passado ao qual me refiro, recordo de um momento em que escutava o som decidido de uma mulher corajosa, minha mãe, a qual, logo cedo, convidava-nos para um delicioso café da manhã antes de sair para trabalhar como diarista, encontrando na batalha diária a determinação de progredir e de proporcionar melhorias para sua família. Decidi relembrar, por meio desse meu relato, a exemplificação das razões subjetivas que se entrelaçam nesse exato instante no campo de estudo mencionado. Assim, destacar as experiências por trás desse percurso acadêmico revela o que foi essencial para a construção da minha identidade.

Devido à nossa história de colonização e à resistência racial no Brasil, fomos inseridas em um ambiente marcado pela escassez de recursos financeiros. Nesse cenário, não venho de uma família abundante financeiramente, mas sim de parentes que conseguiram prover o essencial para uma vida digna. Destacar essa ligação com a abundância é fundamental para compreender todo o empenho que minha mãe, muitas vezes enfrentando desafios sozinha, dedicou-se a oferecer-me o melhor diante das limitações impostas por uma sociedade machista. Assim, é evidente presenciar a opressão do povo negro, a diminuição de nossas vozes, de nossos escritos e de nossas perspectivas de conhecimento. Isso me inspira a unir-me à valorização da minha voz, fortalecendo, desse modo, minha posição na cultura ancestral. Em outras palavras, parafraseando Conceição Evaristo (2007): “a nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”. Isso evidencia que o silenciamento das vozes femininas negras — quando se trata de lutar por seu espaço tanto individual quanto coletivo — não pode mais ser aceito.

Eu nasci em 27 de novembro de 2001, na encantadora Alagoa Grande, no estado da Paraíba. Sou uma mulher nordestina e negra, orgulhosa de minha herança e da minha luta pelos direitos humanos. Desde cedo, fui criada pela escola pública, a qual foi fundamental em minha jornada educacional. Mesmo jovem, sempre me interessei pela pesquisa no que tange ao papel das mulheres negras na formação da história do Brasil. É nesse contexto que quero partilhar com vocês a história de uma grande conterrânea paraibana. Antes de revelar como a conheci, gostaria de contar um pouco sobre a marcante professora de História, Márcia Gerlane de Macêdo Mendes⁷, a qual nos apresentou a inspiradora trajetória de Margarida Maria Alves. Ela nos conduziu para além dos limites da sala de aula, ao universo da resistência, guiando-nos como uma luz de um farol ao iluminar o caminho, semeando as bases para o florescimento de novas Margaridas. Ao abordar essa representação feminina, evidencia-se a transparência das suas lembranças. A atuação crucial dessa estimada educadora, ao levar seus alunos ao Museu

⁷ De 2014 a 2016, a autora teve como professora titular responsável pela disciplina de História do 7º ao 9º ano no Ensino Fundamental II, na cidade de Alagoa Grande, no estado da Paraíba, através da instituição Instituto Desembargador Severino Montenegro. A educadora possui Licenciatura Plena em História pela UEPB - Universidade Estadual da Paraíba, além de especializações em Educação de Jovens e Adultos, Educação Indígena e Educação Africana, todas pela mesma referida universidade. Também possui um Mestrado em Ciências da Educação na Universidade Lusófona de Humanas e Tecnologias - Instituto de Educação, cuja titulação foi revalidada pela UFAL - Universidade Federal de Alagoas.

de Margarida Maria Alves, ganhou relevância ímpar. Em um cenário em que o Brasil distorce sua história, romantizando atrocidades contra a população negra e silenciando minorias, lembrar se torna um ato político de resistência. Diante disso, evocar o passado não revelado é impedir a usurpação de narrativas alheias, é reviver o indizível, aquilo que foge à exatidão das palavras.

A partir das memórias enquanto aluna, concluo que a Educação Patrimonial nesse percurso favoreceu a ressignificação dos saberes em razão de um patrimônio cultural no espaço da educação. Esse trajeto foi introduzido pela docente mencionada anteriormente, a qual estimulou o reconhecimento da história dessa mulher, de modo que determinasse uma conexão entre a teoria e a prática para além da sala de aula. Dessa forma, os alunos foram levados a vivenciar os temas presentes no currículo. Em sua dissertação de mestrado intitulada *Educação Patrimonial e o Ensino da História e da Arte: construindo a relação teoria e prática*, Marcia Gerlane de Macêdo Mendes (2013) diz o seguinte:

Como professora de História, percebo que grande parte dos alunos não apresenta o conhecimento mínimo em relação ao acervo patrimonial local. Sabem apenas que alguns prédios não podem ser modificados, porém, desconhecem o conceito de tombamento e patrimônio, por exemplo (Mendes, 2013, p. 10).

Redirecionando esse olhar para as práticas desenvolvidas no âmbito escolar, percebe-se a ausência de práxis oriundas em torno da Educação Patrimonial, especificamente para a história local. Inúmeras vezes, testemunhei grupos de pessoas visitando a minha terrinha, algumas da própria Paraíba, outras de estados diferentes — até mesmo estrangeiros. A maioria dessas excursões era acompanhada por guias que conduziam os visitantes sobre a história local. Todo esse ambiente me trouxe o possível questionamento: por qual circunstância alguns moradores na própria localidade não expressam esse mesmo comportamento de pertencimento ao ir visitar esse patrimônio cultural, resultando em certa desvalorização do museu de Margarida Maria Alves? Compreendi que, embora as pessoas tenham consciência da importância dessa propriedade para o município e seus visitantes, há uma lacuna na valorização desse patrimônio no espaço escolar, o que acarreta um desafio para ser solucionado.

No momento que revisitei o passado e relembrei o início da minha trajetória educacional, revivi momentos significativos que marcaram minha jornada acadêmica. Uma onda de lembranças aflorou, trazendo emoções variadas, nem sempre positivas, mas que me proporcionaram uma oportunidade de reflexão sobre todo o aprendizado e crescimento que vivi até aqui. É possível compreender que a memória é um campo de estudos inundado de infinitos mistérios, tornado-se um conjunto das relações que adquirimos socialmente durante toda a nossa vida, a qual vai muito além das nossas experiências individuais. A autora Denise Maurano, no seu texto *O mal-estar na memória: algumas incursões contemporâneas* (2016) faz uma referência a Nietzsche ao afirmar que a dor imposta ao corpo tem a intenção de fixar na memória o ato que a provocou, para não ser repetido, pois “a memória se inscreve muito facilmente no corpo com marcas, rugas, linhas de expressão, cicatrizes e sofrimentos” (Maurano, 2016, p. 216).

Quando cito emoções nem sempre boas, refiro-me ao preconceito racial que enfrentei como discente por parte de alguns colegas nos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano). Isso se manifestou de maneira a tentarem subestimar minha capacidade intelectual nas atividades escolares, uma vez que fui frequentemente destacada por meu desempenho excepcional em todas as disciplinas oriundas dos respectivos bimestres. Afirmando que tal conduta tornou-me mais resistente em trazer como legado “enquanto houver preconceito, estarei no combate para lutar”⁸. No entanto, ao estudar a história de Margarida Maria Alves na escola,

⁸ Escritos da própria autora.

pude enxergar o quanto é cruel a discriminação racial no Brasil, em que mais uma pessoa negra foi vítima de uma emboscada que ceifou sua vida por estar ocupando espaços de destaque. São esses lugares que anseio ocupar, pois não somos frágeis, o ativismo não é apenas uma escolha, e sim uma necessidade.

Figura 1 – Margarida Maria Alves



Fonte: Divulgação/ Marcha das Margaridas (2024).⁹

É com prazer que lhes apresento Margarida Maria Alves, nascida em 5 de agosto de 1933, na cidade de Alagoa Grande, situada no interior da Paraíba. A autora Ferreira (2017) — em sua obra *Margarida, Margaridas: Memória de Margarida Maria Alves (1933-1983) Através das práticas Educativas das Margaridas* — afirmou que ela cresceu no sítio Jacu como a filha caçula de Manuel Lourenço Alves e Alexandrina Inácia da Conceição. Sua trajetória escolar iniciou aos seis anos, e, ainda criança, aos oito anos, já contribuía nas atividades rurais para ajudar no sustento da família. Devido a isso, a sua formação educacional como aluna se limitou à quarta série do antigo ensino primário. Alômia Abrantes (2008) nos instiga a refletir sobre seu contexto; sendo uma mulher jovem, seus pais possuíam uma grande preocupação, visto que ela realizava tarefas que exigiam o manuseio de balaios bastante pesados. Isso significa que, além de enfrentar os perigos relacionados a essas tarefas, ela também precisava ter a determinação necessária para negociar o seu trabalho na cidade. Nesse viés, Margarida permaneceu morando no sítio com a sua família até os 22 anos, conforme elencado por Ferreira (2010):

Margarida Alves, a líder de Alagoa Grande, foi expulsa da terra em 1962, no mesmo ano em que foi assassinado João Pedro Teixeira, líder das Ligas Camponesas, a mando, também, do chamado Grupo da Várzea, grupo de coronéis que aterrorizou, durante décadas, os trabalhadores e trabalhadoras rurais do Brejo da Paraíba (Ferreira, 2010, p. 23).

Foi somente aos 28 anos que ela se mudou para Rua Olinda, localizada no centro de Alagoa Grande. Em 1971, Margarida Maria Alves uniu-se em matrimônio a Severino Cassimiro Alves, e dessa união nasceu seu único filho, José de Arimatéia Alves, em 11 de julho de 1975. A figura de Margarida Maria Alves é marcada por suas distintas qualidades: um talento avassalador, a humildade pura que a caracterizava, sua profunda ligação com a terra, sua empatia ao ouvir e resolver as necessidades do povo na busca por melhores condições de vida do campo. Não se pode ignorar um aspecto crucial de seu enredo: a forte presença da religiosidade católica como parte integrante da atuação política. Essas características singulares delineiam a personalidade de uma mulher negra simples, cuja trajetória foi marcada por

⁹ Disponível em: <https://midianinja.org/neste-dia-do-trabalho-conheca-margarida-maria-alves/>. Acesso em: 14 set. 2024.

dificuldades, carregando consigo a vivência do trabalhador rural, enquanto luta pela consolidação de ideias revolucionárias que lhe permitissem enxergar o mundo sob a perspectiva dos conflitos entre patrões e trabalhadores, isto é, entre dominadores e dominados, perpetuando-se como uma referência na genialidade ao buscar melhorias para a sociedade. Severino Cassimiro, como esposo dessa destacada líder sindical, teve um papel crucial em sua atuação. Na descrição de Ferreira (2010), observamos:

Segundo Margarida Alves, a sua crença católica orientava-a inicialmente na vida conjugal e nas dimensões educativa e política. O marido, Severino Cassimiro Alves, exerceu forte influência sobre sua atuação, por ter sido o primeiro presidente do referido sindicato e também devido ao poder presente na relação conjugal do homem sobre a esposa (Ferreira, 2010, p. 27).

É importante destacar que essa notável mulher foi uma das primeiras a ocupar o cargo de sindicalista no país entre 1971 a 1983, tornando-se reconhecida por sua luta em defesa dos direitos humanos e trabalhistas no meio rural. Além de defender o fim do trabalho infantil para que as crianças pudessem estudar, ela dedicou-se à conscientização e à alfabetização dos trabalhadores adultos, bem como à garantia de direitos — décimo terceiro salário, férias, jornadas de trabalho de oito horas, apoio à agricultura familiar, reforma agrária — movendo, como consequência, mais de 100 ações trabalhistas.

De acordo com Ferreira (2010), Margarida Maria Alves foi uma precursora na construção do Centro de Educação do Trabalhador Rural (CENTRU), visando contribuir para o desenvolvimento de práticas educativas na formação de camponeses. Ademais, teve papel fundamental na criação da primeira organização composta exclusivamente por mulheres na América Latina, o Movimento de Mulheres no Brejo (MMB). Essa líder sindical demonstrou uma enorme determinação ao confrontar latifundiários durante a ditadura civil-militar daquela época.

Nesse contexto, ameaças eram frequentes por parte dos latifundiários poderosos antes do cruel crime premeditado que tirou a vida da líder sindical. Eles buscavam persuadir Margarida a cessar seus discursos em favor dos (as) trabalhadores (as) rurais. As ameaças não se limitavam apenas à sua atuação no sindicato, mas também incluíam intimidações devido à sua condição de ser mulher, que desafiava a cultura patriarcal implantada. O disparo poderia ter atingido em qualquer parte do corpo, porém foi direcionado a seu rosto, sendo justamente calculado para aterrorizar os grupos de trabalhadores (as), numa tentativa de silenciá-los e de impedir que seguissem o exemplo de Margarida. Foi o confronto de uma mulher negra que não se deixou intimidar pelas ameaças. Sua luta radical em defesa da sua classe, denunciando os abusos cometidos pelos patrões contra os/as trabalhadores/as, ou seja, pessoas que se achavam acima da lei.

Os latifundiários eram formados por representantes políticos, autoridades proeminentes e donos de extensas propriedades rurais, conhecidos como Grupo da Várzea. Esse grupo incluía algumas famílias que possuíam vastas áreas de terras e de usinas de cana-de-açúcar, como destaques citaram o caso do município de Alagoa Grande, localizado na Várzea do Rio Paraíba, daí o surgimento desse nome. Esse termo estava ligado à riqueza, ao poder político e aos embates do campo. Dentre essas famílias, algumas se destacaram, contudo, o principal foco dessa narrativa será a família Veloso Borges, sob a liderança do usineiro Agnaldo Veloso Borges (Melo, 2021).¹⁰

¹⁰MELO, Zênia Chaves Araújo de. Dossiê Grupo da Várzea – Parte I: Herdeiros de Oligarquias e Fazedores de Fortunas. **Brasil de Fato**, João Pessoa, 09 mar. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefatopb.com.br/2021/03/09/dossie-grupo-da-varzea-parte-i-herdeiros-de-oligarquias-e-fazedores-de-fortunas>. Acesso em: 27 ago. 2024.

Em sua dissertação defendida no ano de 2018 — *TERRA QUE BROTA MARGARIDAS E ENCERRA VIDAS: judicialização da questão agrária e violência no campo paraibano* — a geógrafa Luanna Louyse Martins Rodrigues ressalta que:

Assim, além do poder econômico/territorial calcado no domínio dos meios de produção, esse grupo de latifundiários detinha poder político, exercendo influência junto às instituições estatais. A força política dos Velloso Borges e demais oligarcas que integravam o “Grupo da Várzea” foi construída por meio da tessitura de alianças entre famílias poderosas, expandindo sua influência para escalas mais amplas de poder e possibilitando-lhes representação dentro da esfera estadual e até mesmo federal (Rodrigues, 2018, p. 18).

O homicídio da Presidenta do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande em 12 de agosto de 1983, aos cinquenta anos, foi atribuído ao Grupo da Várzea. Um disparo de escopeta calibre 12 ecoou, atingindo sua face diante da sua residência, enquanto estava desfrutando de uma espiga de milho, momento ao qual foi marcado pela presença de um pistoleiro. Contudo, a democracia no Brasil limitou-se a uma formalização, sem se efetivar de fato. Os princípios de igualdade e de justiça proclamados na Constituição Federal da República Brasileira mostram-se em desarmonia com a realidade de uma sociedade dividida em classes, num sistema capitalista. A disparidade entre a nação de direitos estabelecidos e a nação real é notável. A expectativa por justiça acabou sendo ocultada pelo poder controlado pelos acusados.

É importante destacar, como observa Rodrigues (2018), que os indivíduos responsáveis por crimes ocorridos na área rural da Paraíba, conhecidos como integrantes do Grupo da Várzea, nunca foram punidos por suas ações. Com base no Centro de Documentação Dom Tomás Balduino, da Comissão Pastoral da Terra (CPT)¹¹, foram registrados diversos assassinatos no campo entre 1985 e 2016, totalizando 28 trabalhadores. Desses casos, apenas cinco foram levados a julgamento, e nenhum dos mandantes foi condenado.

Temos a resistência como ferramenta fundamental para explorarmos as palavras de Margarida, revelando, nas entrelinhas desse relato, a profundidade das reflexões a que somos conduzidos/as ao longo dessas lembranças. Rosa (2024) continua a defender que a “resistência” se torna uma expressão feminina, ao considerarmos que onde há vida haverá resistência. Isso se evidencia nas próprias declarações de Margarida: “*Da luta não fujo*”; “*é melhor morrer na luta do que morrer de fome*”. Assim, observamos a resistência manifestar-se de diversas formas no dia a dia das mulheres, seja na área urbana, seja na área rural, entre as mulheres periféricas, negras, indígenas, originárias, entre outros tantos exemplos de Margarida(s). Contudo, continuamos a percorrer esse espaço temporal no qual a sujeita histórica é imersa, através das narrativas de muitas lutas retratadas no período da Ditadura Militar.

A busca por enriquecer a narrativa da história das mulheres na Paraíba ainda é algo em desenvolvimento, visto que a escrita não deve se restringir apenas a fontes bibliográficas, mas sim contribuir para o empoderamento das mulheres negras na luta, na construção da cidadania e na denúncia das injustiças cometidas contra os excluídos. Daí surge, então, minha profunda vontade de querer beber dessas valiosas fontes de gênero e de memória coletiva.

A memória desempenha um papel essencial nos processos psicológicos e é fundamental para a nossa identidade pessoal. Ela funciona como uma ferramenta indispensável para nosso cotidiano, mesmo que, muitas vezes, não nos demos conta disso, utilizando continuamente esse

¹¹Tendo seu vínculo a igreja católica, a Comissão Pastoral da Terra (CPT) surgiu a partir do contexto de ditadura militar como forma de responder toda forma precária que os camponeses no Brasil estavam vivendo, desenvolvendo assim ações via ajuda pastoral em prol dos indivíduos que eram submetidos a um governo cruel que só alimentava o interesse capital histórico. **Comissão Pastoral da Terra (CPT)**, Goiânia, 05 fev. 2010. Disponível em: <https://www.cptnacional.org.br/index.php/quem-somos/-historico>. Acesso em: 02 set. 2024.

importante recurso cognitivo. Além disso, o conceito de memória foi explorado por diversas autoras e autores, sob múltiplas perspectivas teóricas, esse campo que pode ser entendido como um mecanismo para armazenar uma infinidade de informações, que abrange influências da cultura, da linguagem, da política e da formação do ambiente em que vivemos. Por outro lado, reconhecemos a existência de um espaço de memória coletiva que se constitui a partir das experiências individuais, refletindo-se na criação de lugares de memória (Miranda, 2019).

É significativo ver uma grande mulher liderando o Sindicato dos Produtores Rurais de Alagoa Grande (SPRAG), eleita em 1973, destacando-se em um cenário antes dominado por homens. Nesse caminho, a busca pela autonomia e pela sustentabilidade financeira enfrentou desafios impostos pela elite dominante. Sem dúvida, o seu papel foi muito além do estereótipo patriarcal que reforça a ideia de uma suposta limitação feminina. Isso posto, é necessário desconstruir a visão da “mulher frágil e incapaz”, desafiando todos os preconceitos existentes. Em vista disso, destaco imediatamente a contribuição do feminismo para a compreensão das ações e dos conhecimentos, assim como para lutar contra o significativo aumento das violências que era evidente. Ana Paula Romão de Souza Ferreira (2017) afirma que:

No atual contexto, os movimentos populares camponeses brasileiros, tanto no sindicalismo rural, na Comissão Pastoral da Terra (CPT), como no Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), entre outros, contemplam o estudo de gênero na formação política e teórica dos militantes, não apenas pelo entendimento de que a mulher está intimamente ligada à história da terra (em perspectiva mística), mas na expectativa de que as lutas agrárias e das mulheres combinam-se e complementam-se (Ferreira, 2017, p. 197).

Principalmente, ao destacar suas lutas, é crucial ampliar os questionamentos sobre a exclusão com base na classe e no gênero, incluindo a garantia de direitos dentro da cidadania. Independentemente de serem rotuladas como feministas ou não, é importante ter determinação na busca por avanços nas bandeiras das lutas, visando à eficácia na promoção da união das mulheres negras, tanto no ambiente rural quanto urbano. Além disso, a identidade feminina abrange uma multiplicidade, incluindo mulheres negras, trans, indígenas, dentre outras. Vale ressaltar que, em virtude da expectativa de que as mulheres se restrinjam ao papel de donas de casa, a contribuição delas para a história é, muitas vezes, desvalorizada. Sob essa ótica, que possamos honrar a figura de Margarida Maria Alves não apenas no dia de sua morte, mas reconhecê-la em sua totalidade. Se negligenciarmos sua lembrança, estaremos tentando evitar a dor que a memória inevitavelmente traz consigo, alguns silenciam devido à tragédia, outros pela opressão arraigada no poder, ou até mesmo pela omissão dos conterrâneos de sua terra natal.

O 12 de agosto ficou marcado pela triste partida dessa líder sindical, ecoando, então, como a consolidação do Dia da Luta Contra a Violência no Campo. Foi nesse mesmo contexto que, a partir do ano 2000, iniciou-se a importante iniciativa do movimento conhecido como Marcha das Margaridas, expressando uma grande homenagem à Margarida Maria Alves. Esse movimento realiza-se sempre no mês de agosto e suas edições ocorreram nos anos de 2000, 2003, 2007, 2015, 2019, sendo a mais recente em 2023, tendo participantes de todo Brasil nesse evento na esplanada dos Ministérios, em Brasília. Desse modo, Dayane Sobreira (2022) afirma o seguinte:

A Marcha das Margaridas é uma ampla ação de mulheres rurais que aglutina uma diversidade de experiências de resistência nos diferentes territórios: do campo, das águas, das florestas. Mulheres com diferentes rostos, mas com motivações próximas, mulheres atravessadas pelas opressões de gênero, classe, região, geração, raça. A partir da relação entre sindicalismo e feminismo, incide nas políticas públicas, pressionando os governos e exigindo respostas eficazes (Sobreira, 2022, p. 45).

O sangue responsável por escorrer no rosto de Margarida Maria Alves teve um papel crucial na fertilização do solo. As lágrimas de dor derramadas por milhares de pessoas no Brasil fortaleceram o processo de germinação de multiplicidade de novas “Margaridas”. Eu mesma sou um exemplo disso, carregando na força a letra “M”, em meu nome, seguindo os passos de Margarida. Sua história como mulher negra me faz ansiar na luta pelo ativismo em favor dos direitos humanos. Seu impacto foi capaz de alterar a força da natureza política do feminino. Deixando sua marca por onde passou, seus princípios e suas convicções continuam vivas em nós mulheres.

Localizada na Rua Olinda, número 624, no centro de Alagoa Grande, Paraíba, a casa de Margarida Maria Alves, em que ela morava com sua família, transformou-se em um museu em 26 de agosto de 2001. No local, estão em exposição instrumentos que marcaram as lutas das/os trabalhadoras/es rurais, jornais da época que noticiaram seu trágico assassinato, fotografias, depoimentos, cartas, certidões — de nascimento, de casamento e de óbito — trabalhos acadêmicos sobre Margarida, utensílios pessoais, objetos domésticos, DVDs, livros e outros artefatos. A memória de Margarida permanece viva dentro da residência por meio desses objetos, permitindo que todos possam recordar sua história como camponesa e defensora dos direitos humanos. No exterior do local, é possível ver o nome da residência de Margarida Maria Alves com a célebre frase “*É melhor morrer na luta do que morrer de fome*”, amplamente difundida pela ativista sindical.

Figura 2 – Museu de Margarida Maria Alves



Fonte: arquivo pessoal da autora (2023).

Figura 3 - Pertences de Margarida Maria Alves



Fonte: arquivo pessoal da autora (2023).

Quando escrevo sobre mais uma mulher negra, sinto que estou, de certa forma, amplificando a voz de inúmeras mulheres, como eu, que enfrentaram, ao longo de suas

trajetórias acadêmicas, diversas limitações relacionadas à cor, ao gênero e à classe social. Esse silenciamento afeta a mulher negra de forma profunda, o que perpetua obstáculos mediante várias gerações. Faz-se importante ressaltar que, muitas vezes, somos rotuladas como “loucas”, simplesmente por ousarmos expressar opiniões divergentes. Embora exista um discurso sobre a democracia racial, ele frequentemente nos posiciona em um lugar subordinado, resultando em uma luta incessante para podermos escrever e ser lidas — algo que, para outros, é uma prática trivial. Mulheres negras, é hora de reivindicarmos nosso espaço. Estamos exaustas de ter nossos feitos esquecidos. A batalha continua e, a cada pôr do sol, somamos novas vozes em busca de espaços que sempre nos pertenceram, mesmo que não sejamos plenamente aceitas.

Grada Kilomba enfatiza, na sua obra *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano* (2019), que o trauma vivenciado por pessoas negras não se origina apenas de acontecimentos familiares, como sugere a psicanálise, mas também do contato devastador com a brutalidade do mundo, ou seja, da irracionalidade do racismo, que sempre nos apresenta como o “outro” de maneira distorcida (Kilomba, 2019, p. 40). Separar minhas memórias pessoais, as quais estavam acumuladas em um guarda-roupa, não foi uma tarefa fácil. Contudo, essa prática de escrever se mostrou essencial para expor os privilégios e as desigualdades existentes, além de destacar a urgência de se implementar abordagens feministas e antirracistas na formulação de políticas públicas.

3 MARGARIELLE: ESCUTA, MEMÓRIA E ANCESTRALIDADE

Ao mencionar “Margarielle”, emergem indagações acerca da composição dessa narrativa e de que maneira essa abordagem será trabalhada ao longo dessas páginas. Nesse sentido, a minha escrita desempenha um papel crucial na elaboração de um encontro entre duas mulheres negras: Margarida Maria Alves e Marielle Franco. Ambas se destacaram por sua resistência frente às opressões que encontraram em suas trajetórias políticas, marcadas pela interseccionalidade de suas identidades. Sendo mulheres negras e oriundas de comunidades periféricas, elas reivindicavam por direitos sociais, inspirando, até hoje, múltiplos movimentos.

A proposta de interseccionalidade, defendida por Carla Akotirene (2019), é uma ferramenta teórica, que nos instiga a refletir sobre como as mulheres negras são silenciadas e vulneráveis a diversas formas de violência, o que inclui o genocídio, unicamente devido à sua cor, à sua classe, ao seu gênero, e/ou à sua sexualidade. Com isso em mente, busquei evidenciar como nós, mulheres negras, fazemos parte de uma estrutura que é tanto patriarcal quanto racista.

Conforme o Jornal Brasil de Fato (2024), “Talíria Petrone é a congressista mais ameaçada nos últimos seis anos, mostra estudo”¹², a deputada do PSOL-RJ (Partido Socialismo e Liberdade) tem recebido inúmeras ameaças de morte por *e-mail*, além de sofrer ataques racistas e misóginos tanto em suas correspondências eletrônicas quanto nas redes sociais. Cabe aqui ressaltar que essa forma de violência não se limita apenas ao gênero; a interseccionalidade das estruturas de opressão influencia as experiências distintas vividas pelas mulheres em sua diversidade.

Em sua obra *Mulheres que Correm com os Lobos: mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem*, Clarissa Pinkolas Estés (1945), uma psicanalista junguiana, oferece profundas reflexões sobre a figura da mulher selvagem. Ela fundamenta suas análises em inúmeros contos de fadas, lendas e narrativas populares de culturas diversas ao redor do mundo, sem as associar a um caráter violento. A autora usa essas narrativas como metáforas para explorar o inconsciente feminino, os arquétipos e os instintos que habitam as mulheres. Diante disso, é evidente como essas histórias ancestrais reverberam em nosso cotidiano. O simbolismo

¹²SAMPAIO, Cristiane. Talíria Perrone é a congressista mais ameaçada nos últimos seis anos, mostra estudo. **BdF**, Brasília, 06 ago. 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/08/06/taliria-petrone-e-a-congressista-mais-ameacada-nos-ultimos-seis-anos-mostra-estudo>. Acesso em: 28 out. 2024.

dos lobos emerge como uma representação da mulher selvagem que reside em todas nós, representando uma faceta instintiva e primordial, a qual foi sistematicamente reprimida ao longo da história.

Ingressar na graduação em Licenciatura Plena em História foi uma experiência extraordinária, pois solidificou a minha convicção de que o passado é indestrutível, assim como as pessoas que o vivenciam. Por essa razão, meu objetivo foi ir além das narrativas que se concentram apenas em eventos isolados, ou em figuras heroicas. Trata-se, na verdade, de entender a história sob uma ótica mais abrangente, explorando a história das transformações sociais. Isso me remete à lembrança do início da minha graduação, quando comecei a compartilhar um pouco sobre minha trajetória, destacando a militância política que está enraizada nas minhas veias, mencionando a cidade onde cresci. Sempre que falava sobre Margarida Maria Alves, percebia um silêncio reflexivo ao meu redor, foi o que despertou minha curiosidade em aprofundar minhas pesquisas sobre sua vida e seu legado.

No ano de 2022, durante o desenvolvimento da disciplina Prática de Ensino em História II, sob a orientação da Professora Luciana Calissi, foi sugerido que realizássemos uma oficina pedagógica como forma de avaliação. Em uma reunião com meu grupo, discutimos diferentes ideias apresentadas por cada membro, buscando, assim, um consenso para elaborar o plano da oficina. Na minha experiência, recordo que estava preocupada com a visibilidade da história de Margarida Maria Alves. No entanto, sentia que ainda precisava de algo mais. Foi então que surgiu a ideia intuitiva de incluir outra mulher negra. Mas quem? A imagem de Marielle Franco veio à mente e percebi que não havia estudos que conectassem as duas. Porém, encontrei uma entrevista¹³ de 2018 que dizia: “a mãe de Marielle Franco, Marinete da Silva, nasceu em Alagoa Grande, cidade da líder sindical Margarida Maria Alves, que teve sua vida tragicamente ceifada”. Seguindo em frente, realizamos uma votação entre os membros do grupo e decidimos realizar uma oficina intitulada de “Margarielle: o sangue pelas lutas sociais”, na qual foi feita uma análise de imagens e os pontos que conferiam em comum, desde o comportamento em público até as pautas de defesa por ambas as figuras.

Esse paralelo com a temática em questão, especificamente com a terminologia “Margarielle”, revisita duas mulheres negras que agiam de forma intuitiva, orientadas por suas crenças, e se contrapunham às normas de uma sociedade marcada por forte preconceito do corpo negro. Ambas estavam em sintonia, a qual se reflete em suas ações voltadas à luta em favor das minorias.

Salienta-se que a entrevista se concentra em uma técnica significativa para a experiência e para a memória, a qual, conforme Ecléa Bosi (1994), propicia numa escuta atenta, permitindo ter acesso às memórias que deixam de ser apenas lembranças e se transformam em narrativas. O encontro com Marinete da Silva ocorreu com a mediação da Tamyres Dysa da Luz Ayres, jornalista de Alagoa Grande, a qual teve a chance de conhecê-la em 2023, durante uma visita a Alagoa Grande, na Paraíba. Durante meu primeiro contato com Marinete da Silva — em 2024, através do *WhatsApp*¹⁴ — ao expressar meu desejo de incluir sua contribuição na minha pesquisa, mediante seus relatos sobre a ancestralidade de Marielle Franco, sua filha, ela se mostrou disposta a ajudar na preservação desse legado em favor da justiça, da equidade e dos direitos humanos:

¹³Sangue paraibano: mãe de vereadora executada no RJ nasceu em Alagoa Grande. **Paraíba Já**, João Pessoa, 16 mar. 2018. Disponível em: <https://paraibaja.com.br/sangue-paraibano-mae-de-vereadora-executada-no-rj-nasceu-em-alagoa-grande/>. Acesso em: 28 out. 2024.

¹⁴ É um aplicativo que desempenha um papel de compartilhar mensagens de textos, áudios, fotos, vídeos e até fazer chamadas de vídeos com uma conexão com a internet. Nesse caso, utilizamos como ferramenta as mensagens de áudios para consolidação do contato com a entrevistada e armazenamento dos dados, ou seja, para além do primeiro contato, a entrevista com a mãe de Marielle Franco se deu via *WhatsApp*, com a gravação de áudios, os quais foram transcritos.

[...] a oportunidade que a gente vai ter de falar, de fazer essa troca em relação à luta, resistência a história da Marielle. Penso que tenho que ter gratidão por isso. É mais uma [...] nessa luta que a gente enfrenta, no enfrentamento por justiça digna pra ela (Entrevista à autora, em 12 de agosto).

A aplicação de entrevistas de memória na psicologia social é uma prática que se estende há muito tempo. O enfoque dessa entrevista abrange uma variedade de públicos, com ênfase especial em pesquisas que envolvem grupos marginalizados ou excluídos. Convém mencionar que uma entrevista pode revelar informações que não são encontradas em outros registros ou documentos. Nesses casos, as informações coletadas se distinguem de outras fontes, pois proporcionamos uma voz aos que estão à margem, documentamos, geramos novas fontes e obtemos dados que, frequentemente, são subestimados ou deixados de lado pela memória e historiografias oficiais.

A autora Ecléa Bosi (2003), que possui uma vasta experiência na psicologia social com ênfase nos temas de memória e de cultura, aponta que não se deve exigir uma precisão histórica do relato, haja vista que ele possui sua própria verdade, enraizada na crença e na postura. É necessário aceitá-lo como um dado, reconhecer suas informações, limitações e interpretá-los. Ademais, é comum que as pessoas entrevistadas expressem gratidão ao pesquisador/a pela oportunidade de participar da entrevista. Essa manifestação de apreço, muitas vezes, representa um encontro de autoconhecimento, promovendo um processo de reconexão com a sua ancestralidade. A memória revela as heranças e nos possibilita, no futuro, tomar posições fundamentadas nelas:

A memória deixa de ter um caráter de restauração e passa a ser memória geradora do futuro. É bom lembrar com Merleau-Ponty que o tempo da lembrança não é o passado, mas o futuro do passado. A nostalgia revela sua outra face: a crítica da sociedade atual e o desejo de que o presente e o futuro nos devolvam alguma coisa preciosa que foi perdida (Bosi, 2003, p. 66-67).

No campo da psicologia, Gaby Oliveira declarou em uma entrevista que “ancestralidade é fonte de vida, sabedoria, identidade, pertencimento e criatividade, é o fio que tece passado, presente e futuro, formando uma teia de relações que conecta humanidades” (Diaspora Black¹⁵, 2022). Refletir em todas essas pessoas que nos procederam é reconhecer uma dimensão maior que existe em nosso interior, um percurso que já estava sendo percorrido de diversas maneiras, inclusive sob a influência cultural.

Ecléa Bosi (2003) também enfatizava a importância de não se limitar apenas ao estudo da história dos eventos ocorridos, mas também em razão da análise de referências diversas que possa aproximar o/a pesquisador/a da vivência do/a depoente. Sendo assim, descrevo que Marinete da Silva — advogada, atualmente membro da Comissão de Direitos Humanos da OAB/RJ, natural de Alagoa Grande — é uma nordestina destemida, negra, que carrega consigo o legado de várias gerações de mulheres marcantes em sua família. No interior da Paraíba, em sua cidade de origem, Alagoa Grande, sua mãe, Filomena, destacou-se como uma proeminente liderança política, atuando como uma influente cabo eleitoral na década de 60. A sua mãe, conhecida também como “Filó”, teve onze filhos, em Alagoa Grande, na Rua Oliveira Uchoa. Embora tenha tido pouco estudo, ela era uma mulher bastante articulada e moldou-se como uma pessoa independente. Seu perfil refletia um espírito de empreendedora, como pode ser percebido nas palavras de Marinete:

¹⁵ O que é ancestralidade e o que ela pode nos ensinar sobre nós mesmos. **Diaspora Black**, 16 mai. 2022. Disponível em: <https://diaspora.black/blog/cultura-negra/o-que-e-ancestralidade-e-o-que-ela-pode-nos-ensinar>. Acesso em: 28 out. 2024.

[...] uma mulher que fabricava coisas para vender dentro de casa. Ela tinha algo como uma pastelaria que vendia, fazia solda, sequilho, bolo, cocada, cocorote [...] nós vendíamos isso para fornecedores [...] para algumas bancas na feira [...] (Entrevista à autora, em 12 de agosto).

Durante as campanhas eleitorais, cabos eleitorais desempenhavam um papel fundamental ao conectar os políticos com a população. Assim, essas figuras eram, em sua maioria, compostas por cidadãos comuns, inseridos no seio da sociedade. Um exemplo disso é a mãe dela, dona Filomena, a qual mostrava ter uma consciência política aguçada:

[...] mamãe sempre foi muito bem relacionada com muitas pessoas aí em Alagoa Grande, inclusive com políticos, era uma mulher que tinha um conhecimento muito grande da luta política sindical, por justiça digna, para o voto consciente. Era essa mulher que a gente respeita, traz ela pra [...] essa centralidade de ser um cabo eleitoral [...] que antigamente [...] isso não era ilegal, isso não era nenhum tipo de crime. Então mamãe tinha lista de pessoas [...] que ela tomava conta, ajudava, tinha os presentes que as pessoas recebiam, [...] tipo tecido pra fazer a roupa, isso também não era ilegal há muitos anos. Então esse é o viés político dela vem exatamente disso, dessa articulação com pessoas influentes, com os compadres dela, com o pessoal que trabalhava em engenho, com o pessoal da roça que ela fazia aquela anotação [incentivava, lutava] por aquele voto consciente dizendo que as pessoas tinham que votar em quem fizesse alguma coisa [...] isso que a minha mãe fazia aí dentro de Alagoa Grande (Entrevista à autora, em 12 de agosto).

Percebemos, no relato de Marinete, que a avó de Marielle Franco exercia um trabalho político importante na cidade, sendo uma intermediária distinta e admirada, conhecida por facilitar a assistência às pessoas, além de promover uma maior consciência sobre a importância do seu voto.

Para entendermos melhor a importância de Marielle Franco, é essencial conhecer a sua trajetória. Marielle Francisco da Silva, amplamente conhecida como Marielle Franco, nasceu em 26 de julho de 1979. Ela é filha de Marinete da Silva e de Antônio Francisco da Silva Neto, uma mulher negra que cresceu no Complexo da Maré, no Rio de Janeiro. Sua infância foi moldada por valores provenientes de uma família tradicional para a época. Ainda que ela tenha enfrentado muitos desafios, desde jovem, ela já possuía uma forte consciência da importância de perseverar na luta. Em outro momento da nossa conversa, Marinete acrescenta:

[...] a infância da Marielle foi uma infância respaldada em muitos valores. Marielle ficou quase cinco anos sozinha. Só depois tive a Anne¹⁶ quando ela já ia fazer cinco anos. A sua infância foi sempre voltada pra igreja porque a gente vem desse seguimento, são os valores que a gente traz da minha origem nordestina [...] (Entrevista à autora, em 12 de agosto).

Durante a sua infância era “[...] uma criança que nunca queria ser a filha, não queria ser a aluna, queria sair, sempre querendo ser a mãe, a professora [...]” (Entrevista à autora, em 12 de agosto). Para Lev Vygotsky (2001), a criança a partir das suas interações sociais no ambiente ao qual está inserido acaba adquirindo saberes para construção da sua identidade, como foi o caso dela. Além disso, Marinete nos conduz ao mundo das memórias de sua filha, uma das protagonistas dessa história. Isso nos mostra a determinação que ela possuía desde cedo para ocupar os espaços de decisão. Em sua trajetória política, Marielle deixou um legado fundamentado nos princípios da pluralidade, da diversidade, bem como da representatividade,

¹⁶Anielle Francisco da Silva, conhecida como Anielle Franco, nasceu em 1984, sendo cria do Complexo da Maré no Rio de Janeiro e irmã de Marielle Franco. Exercendo a função desde 2023 de Ministra da Igualdade Racial no Governo Lula até a atualidade (Agent, 2023).

refletindo as diversas comunidades que formam a nossa sociedade. Destarte, a sua entrada no universo da política ocorreu a todo tempo:

[...] Foi uma menina que fez política na catequese, fez política dentro de casa, fazia política dentro da escola como estagiária, isso também é fazer política. E o viés político dela vem por conta da atuação como ativista, como uma mulher que se sobressaia em tudo [...] com perseverança, com o olhar humano acima de qualquer coisa, [...] com a pluralidade que ela exercia enquanto ativista, enquanto uma mulher que ficou dez anos dentro de uma Comissão de Direitos Humanos da ALERJ do Rio de Janeiro. Então essa formação dela se dá através do que ela vivenciava, do que ela fazia, quando ela foi convidada depois de muito tempo pra assumir politicamente [...] uma eleição junto com a majoritária porque foi uma eleição de prefeito [...] e vereadores que ela foi convidada pelo partido, foi convidada pela liderança porque não tinha uma mulher negra dentro do PSOL, não tinha uma mulher negra combativa igual a minha filha e foi por isso que ela chegou no topo de uma candidatura [...] muito verdadeira, de muito afeto e teve aí seus 46.502 votos na primeira eleição. Foi exatamente essa a história da Marielle dentro da política do Rio de Janeiro [...] (Entrevista à autora, em 12 de agosto).

À vista disso, é possível perceber não apenas o reflexo da política partidária, mas também das mulheres negras que atuam na política diária. Marielle Franco foi eleita como vereadora com 46.502 votos pelo PSOL, alcançando a 5ª maior votação na cidade do Rio de Janeiro nas eleições de 2016, e ocupou a Câmara Municipal por um ano e três meses. Sendo uma mulher negra, periférica, com origem da favela da Maré, tornou-se mãe aos 19 anos da Luyara Santos.

Formou-se em Sociologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e obteve o título de Mestre em Administração Pública pela Universidade Federal Fluminense (UFF), tornando-se a porta-voz daqueles que, muitas vezes, não possuíam representação nos espaços de poder. No seu último discurso na Câmara no Rio, em seu pronunciamento no Dia da Mulher em 2018, há menos de uma semana antes de seu assassinato¹⁷, foi refletido estratégias de combater o machismo: “As rosas da resistência nascem no asfalto. A gente recebe rosas, mas vamos estar com o punho cerrado falando de nossa existência contra os mandos e desmandos que afetam nossas vidas” (Mídia livre, 2018).

Rocha (2018) descreveu que a sua atuação, mesmo antes de se filiar a partidos políticos, já era voltada para a defesa dos direitos humanos. Assim, a luta por esses direitos entre os habitantes das favelas se traduz em uma batalha cotidiana pela sobrevivência. Além da desigualdade econômica, os moradores enfrentam uma luta pela vida, já que a violência própria estatal contra os pobres e contra a classe trabalhadora é uma realidade constante. Ademais, muitos deles perdem amigos e familiares em decorrência da violência policial, ou dos conflitos entre traficantes. O caso de Marielle Franco não foi uma exceção: ao perder uma amiga durante esses confrontos na Favela da Maré, na adolescência, a dor e a indignação provocados pela morte foram transformadas em resistência, que foi um dos motivos para a sua entrada na política:

¹⁷Aos 38 anos acabou sendo assassinada a tiros em um carro, no dia 14 de março de 2018, no centro do Rio de Janeiro-RJ. Junto com a vereadora, o motorista Anderson Pedro Gomes, também foi atingido e não sobreviveu, enquanto a assessora de Marielle Franco que estava presente conseguiu escapar com vida. GONÇALVES, João Ricardo; LEITÃO, Leslie; ARAÚJO, Marina; TEIXEIRA, Patrícia. Vereadora do PSOL Marielle Franco é morta a tiros na região central do rio. **G1**, Rio de Janeiro, 14 mar. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/vereadora-do-psol-marielle-franco-e-morta-a-tiros-no-centro-do-rio.ghtml>. Acesso em: 28 out. 2024.

Seu mandato foi marcado por uma atuação forte nos temas dos direitos das mulheres e da população favelada. Marielle Franco presidiu a Comissão de Defesa das Mulheres da Câmara do Rio de Janeiro, trazendo o tema para os debates legislativos. Sua atuação junto a bancada do PSOL também foi fundamental para que o partido pudesse denunciar diversos esquemas de corrupção existentes na cidade, ligados tanto à máfia que controla o sistema de transporte público quanto às empreiteiras e construtoras envolvidas na construção dos estádios para a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos. Seus discursos na tribuna sempre tiveram muito impacto, mas como uma vereadora de um partido de oposição e minoritário, sempre foi muito difícil para Marielle aprovar leis. Dos dezesseis projetos de lei que apresentou enquanto foi vereadora sete foram aprovados, sendo que cinco foram aprovados somente depois de sua morte (Rocha, 2018, p. 277).

A terra onde Margarida Maria Alves nasceu é, também, o berço da ancestralidade de Marielle Franco. Com isso, durante nossa conversa, pude perceber que o registro maior são os familiares oriundos na referida cidade. Dessa forma, em sua família, houve um contato com a segunda protagonista dessa investigação: Margarida Maria Alves. Em alusão ao Hospital Municipal de Alagoa Grande, na época conhecido como Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), a matriarca da família Franco diz:

[...] a minha irmã mais velha era enfermeira no SESP aí em Alagoa Grande e ela que atendia Margarida [quando] chegava com as pessoas, chegava com caminhão com pessoas doentes pra dar vacina [...] e as minhas irmãs conheceram bem a Margarida [...] (Entrevista à autora, em 12 de agosto).

Não havia como desviar da trajetória de Marielle Franco, repleta de heranças, já que a maioria de sua família se originou desse lugar. Era quase impossível que ela não tivesse contato com a imensa representatividade que essa líder sindical também nos proporcionou:

[...] é isso que a gente traz nesse resgate de saber quem era essa liderança. [...] procurar presentear como eu levei o ano passado um livro de foto da minha filha, levei lenço, levei placas da Marielle, tem tudo isso lá no museu pra as pessoas e para quem quiser ver, e ver que a transversalidade [...] que existe entre essas mulheres vivendo em tempos diferentes, trabalhando em tempos diferentes. Mas, em lutas iguais, porque elas lutavam pela humanidade, elas lutavam por direitos, elas lutavam por igualdade, elas lutavam por justiça, exatamente isso que faz a Marielle e a Margarida caminharem juntas com esse propósito!! De saber o que é o direito humano para todos (Entrevista à autora, em 12 de agosto).

Tentaram despedaçá-las, esquecê-las, amedrontá-las, silenciá-las, mas nem mesmo as balas e as armas conseguiram romper as profundezas ancestrais que as unem. Duas mulheres negras que morreram lutando em prol da humanidade, como podemos evidenciar essa ligação nas palavras da historiadora Susel da Rosa (2015): “manter-se empenhado com o mundo significa não se sentir bem com o que acontece no seu tempo e, apesar disso, continuar acreditando nas possibilidades, manter seu compromisso em relação ao mundo” (p. 317). Buscaram nos enterrar, mas elas assemelham-se a sementes de baobá, alimentadas pela ancestralidade, que conferem um novo significado à sociedade e rompem as barreiras do machismo e do racismo, suas ações firmes são reconhecidas como assertividade; continuaremos a cultivar as sementes de Margarielle, que permanecem presentes.

Margarielle está presente
Ecoando vozes femininas
Seja no campo ou na cidade
Consolidando as conquistas¹⁸

¹⁸Trecho do cordel feito pela autora.

Figura 4 - Marinete da Silva na casa de Margarida Maria Alves



Fonte: reprodução do Instagram (2023).¹⁹

Um arrepio percorre a pele, enquanto os olhares delas se entrelaçam em meio a um emaranhado de recordações, expressas nos gritos que reverberam na luta pela resistência. O solo se tornou firme, e tudo começou a emergir desse terreno fértil, dando vida a essas experiências de Marielle Franco dentro da casa de Margarida Maria Alves. Walter Benjamin (1996, p.115), em seu texto, *Experiência e Pobreza*, alerta que a desconexão entre os indivíduos e seu patrimônio cultural, devido às experiências vividas, resulta em um empobrecimento da humanidade. Isso não se dá apenas em relação às experiências que podem ser transmitidas, mas também à cultura em geral.

Ainda mais, a disputa por narrativas com intuito de estabelecer um ideal de nação e consolidar uma história oficial salienta a relevância de promover experiências que recuperem vozes que foram silenciadas, com a meta de desafiar a versão estabelecida do passado e do presente. Nesse contexto, entendemos que o retorno de Marinete da Silva à sua terra natal configura-se na recuperação da trajetória da Marielle Franco, que começa aqui em Alagoa Grande–PB, o que é essencial para a preservação da sua luta. Assim, percebemos que as figuras de Marielle Francisco da Silva e de Margarida Maria Alves representam a construção de narrativas no espaço público, em que duas mulheres negras não apenas enfrentaram violências e ataques a seus corpos, mas também tiveram suas memórias feridas ao serem brutalmente assassinadas politicamente. As memórias dessas mulheres nos motivam a continuar lutando por resistência até os dias atuais.

Não conseguimos entender o ser humano sem considerar sua integração no contexto social. O grupo representa mais do que um conjunto de oportunidades que possibilitam ações individuais; ele forma a base em que a individualidade se desenvolve e em que as ações significativas da pessoa são realizadas com o intuito de pertencer a um determinado local. Ecléa Bosi (2003) nos lembra que “uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela florescer (Bosi, 2003, p.69)”. O recolhimento do testemunho pessoal trazido nos faz reviver aquelas experiências narradas, percebendo cada suspiro de silêncio, as pausas e aquilo que, embora não tenha sido intencionalmente relatado, acabou naturalmente sendo transmitido.

¹⁹Captura de tela do Instagram Movimento da Mulher Paraibana na Política. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CyhLwhtROaf/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==. Obs.: registro de Matheus Yanko da Luz Aires

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como eixo teórico a ideia de “escrevivências”, conforme defendido pela autora Conceição Evaristo (2007). A partir do encontro de histórias de vida de duas mulheres negras — Margarida Maria Alves e Marielle Franco — reconhecidas pelas suas lutas nos movimentos sociais. Como destacado no decorrer desse estudo, Margarida e Marielle compactuam com as mesmas raízes regionais e ancestrais, tecidas na cidade de Alagoa Grande, que fortaleceram as suas trajetórias de resistência em contextos de perseguição e de violência.

Posso afirmar que, pelo simples fato de estar colocando os meus sentimentos nessa escrita, estou, de certa forma, tentando romper o silêncio que me acompanhou por muitos anos sobre o preconceito racial que enfrentei na adolescência no ambiente escolar, assim como de tantas outras mulheres negras. Assim, não estou aqui sozinha; trago comigo a força do movimento negro e a sabedoria das minhas ancestrais. Aceito a minha responsabilidade de recontar não só apenas minha história, mas também a de outras mulheres negras, utilizando nossas experiências.

Através desse estudo, foi possível destacar o surgimento da nova terminologia “Margarielle”, que possui um caráter autoral dessa pesquisadora. Os/as leitores/as são conduzidos/as pelas recordações da ancestralidade de Marielle Franco, contadas por sua mãe, Marinete da Silva, que os/as levam até Alagoa Grande, na Paraíba. Por conseguinte, destaca-se um aspecto discutido durante toda a pesquisa: a relevância de uma escuta atenta, especialmente nas entrevistas, que nos motiva a aprofundar, nas informações coletadas, a ligação entre essas duas mulheres negras.

Para, além disso, essa pesquisa buscou ratificar a relevância de mulheres negras estarem presentes em espaços decisórios, alterando as estruturas do nosso país. Assim, espera-se que esse trabalho inspire outros/as pesquisadores/as a explorarem não apenas um único trajeto, mas também de considerarem outros caminhos epistêmicos que nos aproximam, ou nos distanciam, da análise dos registros sobre Margarida e Marielle, duas figuras políticas importantes na história brasileira.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade: Feminismo Plurais**. São Paulo: Pólen, 2019.

BENJAMIN, Walter. **Experiência e Pobreza**. In: *Mágia e Técnica, Arte e Política*. Traduzido por Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. SP: Editora 34, 1997.

DEUSDARÁ, Annanda; BOSAK, Geovana; MOURÃO, Manuela. Aniele Franco: Ministra da igualdade racial. **Agemt**, 29 set. 2023. Disponível em: <https://agemt.pucsp.br/noticias/anielle-franco-ministra-da-igualdade-racial>. Acesso em: 28 out. 2024.

ESTÉS, Clarice Pínkola. **Mulheres que correm com os lobos: Mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem.** Tradução: Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos A. (org.) **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 16-21.

FERREIRA, Ana Paula Romão de Souza. **A trajetória político-educativa de Margarida Maria Alves: Entre o velho e o novo sindicalismo rural.** Orientador: Prof. Dr. Charliton José dos Santos Machado. 2010. 146 f. Dissertação (Doutorado). Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Centro de Educação - CE, Programa de Pós-Graduação em Educação, João Pessoa, 2010.

FERREIRA, Ana Paula Romão de Souza. **Margarida, Margaridas: memória de Margarida Maria Alves (1933-1983) através das práticas educativas das Margaridas /Ana Paula Romão de Souza Ferreira.** - João Pessoa: Editora da UFPB, 2017.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódio de racismo cotidiano.** Tradução: Jesus Oliveira. Cabogó, 2019.

MAURANO, Denise. O mal-estar na memória. **Revista Morpheus**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, p. 203-226, 2016.

MENDES, Márcia Gerlane de Macêdo. **Educação patrimonial e o ensino da história da arte: Construindo a relação teoria e prática.** Orientador: Carlos Alberto Jales Costa. 2013. 92 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias - Instituto de Educação, Lisboa, 2013.

MÍDIA LIVRE. **Último pronunciamento de Marielle Franco antes de ser executada no Rio de Janeiro.** *YouTube*, 15 mar. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/Da7dqCqEJmA?si=3M2Pk7RVjU4lnG7i>. Acesso em: 30 set. 2024.

MIRANDA, Lucas Mascarenhas de. Memória individual e coletiva. **Jornal da Unicamp**, Campinas, 27 mai. 2019. Disponível em: <https://unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2019/05/27/memoria-individual-e-coletiva/>. Acesso em: 02 set. 2024.

ROCHA, Lia de Mattos. A vida e as lutas de Marielle Franco. **Revista da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. 42, v. 16, p. 274 - 280, 2018.

RODRIGUES, LuannaLouyse Martins. **Terras que brota margaridas e encerra vidas: judicialização de questão agrária e violência no campo paraibano.** Orientador: Prof. Dr. Marco Antônio Mitidiero Júnior. 2018. 447 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal da Paraíba (PPGG/UFPB), João Pessoa, 2018.

ROSA, Susel de Oliveira. Mulheres versus ditadura, latifúndio e Misoginia na Paraíba. **Estud. Sociol.**, Araraquara, v.20, n.39, p. 309-324, jul-dez, 2015.

ROSA, Susel Oliveira da. Resistência: palavra feminina. **Lembrar Para Não Esquecer: 60 anos do golpe de 1964**, João Pessoa, p. 56-57, 2024.

SILVA, Alômia Abrantes da. Paraíba, **Mulher-Macho**: tessituras de gênero, (desa)fiados da história (Paraíba século XX). Orientador: Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior. 2008. 254 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

SOBREIRA, Dayane Nascimento. “**Olha Brasília está florida, estão chegando as decididas**”: experiências de um feminismo rural no Brasil a partir da Marcha das Margaridas. Tese de Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A Formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ANEXO A —TERMO DE CESSÃO**TERMO DE CESSÃO**

CEDENTE: Marinete da Silva

Nascida em: Alagoa Grande, Paraíba a: 27 / 12 / 1951

De estado civil: casada

Domiciliada em: Tijuca, Rio de Janeiro

De profissão: advogada


E endereço profissional: _____

CESSIONÁRIA: MAYRA GENUINO DOS SANTOS SILVA, autora do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: De Margarida a Marielle: mulheres, ancestralidade e resistência em Alagoa Grande/PB

OBJETO: Entrevista gravada.

DO USO: Declaro ceder à pesquisadora acima citada, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental, realizada no formato on-line via WhatsApp em 12 / 08 / 2024 num total de 1 hora. A pesquisadora fica consequentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais e acadêmicos, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, a partir de trabalhos, bem como permitir a terceiros/as o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo suas normas, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Não se aplica -remota/virtual, 12 de agosto de 2024.



Assinatura da depoente/cedente

AGRADECIMENTOS

Sou grata por ter me perdido, pois nesse processo encontrei uma nova perspectiva sobre tudo aquilo que me define. Não sou apenas uma existência passageira, mas sim a essência que compõe a minha totalidade, uma singularidade chamada de Mayra. Para alguns, esse nome pode não ter grande significado, porém, para mim, ecoa fortemente em meu mundo interior. Há quem pense que esse meu nome é fruto do acaso, mas como acreditadora de que coincidências são algo que podemos contestar, já afirmo que pretendo ser o significado genuíno desse nome. Agora, compartilho com vocês a minha melhor versão, aquela que decidiu acolher a própria identidade e rejeitar padrões impostos, pois a beleza é algo subjetivo.

Ao longo da trajetória que compartilhamos, minha mãe representa a transição das lágrimas do meu coração até os sorrisos da minha essência, tornando-se nosso laço eternizado. Obrigada por, em cada minuto, ter me feito sorrir, verdadeiramente ressoando em minha existência como um acalento imensurável.

Agradeço ao universo por ter me presenteado com o meu irmão Matheus, o qual respira zelo e cuidado na construção dos meus dias.

À minha fé, a qual se transformou num farol que, diante da somatória dos dias nessa grande travessia, permitiu-me compartilhar um pouco de mim com os outros e, ao mesmo tempo, absorvendo algo deles também. Isso evidenciou um processo de aprimoramento pessoal, promovendo a minha própria evolução. Compreendendo que o bom da vida reside no inesperado e nas reviravoltas das trilhas que ousamos explorar para o encontro do brilho no meu resplandecer.

Às minhas preciosas amigas da infância e as formadas ao longo dessa graduação, que foram essências para o meu crescimento, tanto no aspecto acadêmico quanto no pessoal. Cada um de vocês trouxe sua particularidade e compartilhou comigo os momentos doces e amargos ao longo do curso; sem a presença de vocês, esse percurso teria sido completamente diferente. Cada um, em sua genialidade, esforçou-se para dar o melhor de si todos os dias, e sou imensamente grata por ter a oportunidade de conhecê-los.

É valioso expressar a minha gratidão por toda dedicação de Tamyres Dysa, uma jornalista excepcional, radialista e ativista, a qual foi peça fundamental para que consolidasse o meu contato com Marinete da Silva para concretização dessa pesquisa.

À Marinete da Silva, mãe da saudosa Marielle Franco, a qual me abraçou diante de uma forma inexplicável para consolidação dessa pesquisa. Não sou capaz de mensurar a emoção expressada por tudo que ouvi dessa potência de mulher, seu exemplo eterniza e encoraja mulheres nos espaços de luta e de resistência.

Agradeço a essas mulheres que foram responsáveis para que eu fosse fascinada pela docência — Marli Genuino, minha tia; Márcia Gerlane, minha eterna professora de História; e Micheline, minha brilhante professora de Português.

À minha querida orientadora, Susel Oliveira da Rosa, responsável por me fazer acreditar na valiosa importância dessa pesquisa. Ela é fruto de um sonho de uma menina com apenas 10 anos, que acreditava que iria ser aluna dela no futuro. E cá estou realizando em 2024 a efetivação desse tão sonhado curso, no qual pude adquirir uma diversidade de experiências ao lado dela, enquanto aluna, monitora, orientanda e extensionista. Meu coração transborda gratidão pela sua existência e por sua leveza nas suas ações durante nossas partilhas.

À minha doce Joana Dar’k Costa — carinhosamente chamada por mim de Joaquina — que foi, e sempre será, um dos meus maiores presentes dessa graduação. Pude conhecê-la e não há nada que eu seja tão grata quanto isso. Ela é minha maior inspiração como ser humano e profissional. Obrigada pela sua amizade, por cada conversa, risada, abraço e sorriso. A humanidade se eleva por ter você integrando-a. Sou grata, também, infinitamente por me

apresentar à minha segunda paixão acadêmica e um sonho futuro enquanto profissional: a Psicologia.

À Velbiane Luzia da Silva Chaves destaco a minha gratidão por fazer parte da minha jornada acadêmica nessa instituição. Na partilha diária, tudo se tornou melhor com toda a sua leveza e dedicação extraordinária emanada.

Gostaria de expressar minha gratidão à Fernanda de Araújo Oliveira, que integrou essa constelação inspiradora na minha banca de defesa, ao lado da minha estimada orientadora Susel Rosa e da esplêndida professora Velbiane Chaves. Essa Fernanda, com quem tive a oportunidade de cruzar caminhos nos corredores da UEPB, impressionou-me com a força de suas palavras no contexto da luta de nós, mulheres negras. É uma honra tê-la ao meu lado nesse momento de retorno seu como filha dessa mesma Universidade.

Agradeço à Universidade Estadual da Paraíba, especialmente ao Centro de Humanidades (CH), e enalteço todos os colaboradores que realmente encarnam a essência do nome do Campus. Destaco em especial a importância dos setores administrativos, de limpeza, vigilância e, claro, do excepcional departamento de História.